

LIZA MARKLUND

LOBO VERMELHO

Tradução de Vasco Gato

1

Annika Bengtzon parou à entrada da redação, pestanejando diante da iluminação subitamente branca de néon. O barulho abateu-se sobre ela: a trepidação das impressoras, o zumbido dos digitalizadores, a percussão das unhas nos teclados; gente a alimentar interminavelmente máquinas com textos, imagens, letras e comandos.

Respirou fundo umas quantas vezes e arremeteu sala dentro. Junto da coordenação editorial, a única atividade era de natureza inteiramente silenciosa e concentrada. Spike, o chefe, estava a ler algumas páginas com os pés cruzados sobre a secretária. O chefe de redação temporário olhava o ecrã do seu computador com atentos olhos vermelhos: a Reuters e a francesa AFP, a Associated Press e a TTA e a TTB; agências nacionais e estrangeiras, de desporto e economia, notícias e telegramas do mundo inteiro, num fluxo incessante. A gritaria exultante ainda não começara; não se ouvia nenhum entusiasmo ruidoso nem nenhuma desilusão na sequência de notícias que tivessem saído bem ou causado celeuma, nada de argumentações empolgadas a favor de uma abordagem jornalística em detrimento de outra.

Annika passou por eles sem olhar e sem ser vista.

De repente, um barulho, um desafio, uma voz que veio interromper aquele palrar eletrónico:

– Lá vais tu outra vez, é isso?

Ela sobressaltou-se, deu um passo involuntário para um dos lados, deixando que o seu olhar rodasse na direção de Spike e sentiu-se ofuscada pela luz do candeeiro da secretária.

– Ouvi dizer que vais apanhar um voo para Luleå esta tarde.

Annika bateu com a coxa contra o canto da secretária da equipa da manhã ao tentar chegar à sua própria secretária demasiado rápido. Parou, fechou os olhos por um instante, sentindo a mala a deslizar-lhe pelo braço abaixo enquanto se virava.

– Talvez. Porquê?

Porém, o editor já tinha passado à frente, deixando-a ali à deriva, apanhada entre os olhares dos outros e o zumbido da redação. Lambeu nervosamente os lábios e voltou a içar a mala até ao ombro, sentindo o ceticismo alheio a colar-se-lhe ao *nylon* do casaco acolchoado.

Estava quase lá. O vidro do seu gabinete, que se assemelhava a um aquário, estava cada vez mais perto. Aliviada, abriu a porta e fugiu lá para dentro. Fechando com cuidado a porta atrás de si, encostou a nuca ao vidro frio. Pelo menos tinham consentido que ela ficasse com a sua própria sala. A estabilidade e a segurança começavam a tornar-se cada vez mais importantes, isso ela sabia, tanto para si pessoalmente como para a sociedade em geral.

Largou a mala e o casaco no sofá das visitas e ligou o computador. A transmissão de notícias parecia-lhe cada vez mais distante, embora estivesse sentada mesmo no centro do seu coração pulsante e eletrónico. Aquilo que encabeçava a primeira página hoje era esquecido amanhã. Já não tinha energia para acompanhar o ENPS da AP, a besta noticiosa da era digital.

Passou os dedos pelo cabelo. Talvez estivesse simplesmente cansada. Aguardou pacientemente com o queixo apoiado nas mãos enquanto os programas iam carregando, abrindo então o seu artigo. Achava que a peça já estava bastante interessante, mas os engravatados que mandavam não se mostravam assim tão entusiasmados.

Lembrou-se de Spike lá fora, a sua voz ouvindo-se sobre as ondas. Reuniu os seus apontamentos e preparou a apresentação.

A escadaria estava às escuras. O rapaz fechou a porta do apartamento após entrar, pondo-se atentamente à escuta. Nas escadas que subiam para o velho apartamento de Andersson, a janela solta ia assobiando, como de costume. O velho rádio do rapaz estava ligado, mas de resto vigorava o silêncio.

Não serves para nada, pensou ele. Não há nada aqui. Palermo.

Ficou ali uns segundos e depois arrancou com determinação rumo à porta da frente. Um verdadeiro guerreiro jamais se comportaria assim. Ele ficara a saber através dos seus jogos de vídeo que estava prestes a tornar-se um mestre; o «Cruel Devil» estava prestes a tornar-se um Teslatron God. Ele sabia aquilo que mais importava: nunca se deve hesitar em combate.

Abriu a porta com um empurrão, o mesmo rangido melancólico. A infundável neve do inverno impedia a porta de abrir mais do que uma nesga: ninguém limpara os degraus nessa manhã. Saiu a custo, apertando-se por entre o interstício. Todavia, a mochila ficou presa na maçaneta da porta, e o inesperado sacão quase conseguiu arrancar-lhe um grito de irritação. Puxou e repuxou até que uma das costuras cedeu, o que pouco lhe importou.

Desceu aos tropeções os degraus, agitando freneticamente os braços para manter o equilíbrio. Ao fundo, espreitou por cima da vedação, por entre a neve que caía, e imobilizou-se.

O céu inteiro surgia iluminado com luzes azuis que piscavam. *Já andam aí, pensou ele, sentindo um nó na garganta. Isto é a sério.*

Arrancou, mas parou perto de um cortador de relva avariado que mal se via por baixo da neve, sentindo o coração aos pulos, cada vez mais rápido, tum, tum, tum, tum. Fechou bem os olhos. Não queria ver, não se atrevia a levantar-se e olhar. Ali ficou de orelhas espetadas, com o gel do cabelo a endurecer ao frio, flocos de neve a aterram-lhe no nariz. Todos os sons chegavam envoltos no algodão da neve, mal se ouvindo o som da fundição.

Foi então que ouviu vozes, um motor de automóvel, dois talvez. Abriu os olhos o mais que pôde, fitando por cima da vedação na direção de um campo de futebol.

A Polícia, pensou ele. Não há perigo.

Esperou até se acalmar antes de se esgueirar para a estrada, inclinándose então cuidadosamente para a frente. Dois carros da Polícia e uma ambulância, pessoas com posturas confiantes e ombros largos, com cintos e fardas.

Armas, pensou o rapaz. Pistolas. Pum, pum, morreste.

Estavam para ali à conversa, andavam de um lado para o outro ao mesmo tempo que apontavam. Um dos homens tinha um rolo de fita que ia desenrolando; uma mulher fechou as portas de trás da ambulância antes de se meter no lugar do passageiro. Ele esperou pelas sirenes, que não surgiram. Não fazia sentido ir à pressa para o hospital.

Porque ele já está morto, pensou o rapaz. Não há nada que eu pudesse ter feito.

O som de um autocarro que acelerava pela estrada foi aumentando. Ele viu o número 1 a passar, com a irritação de o ter perdido. A mãe ficava danada sempre que ele se atrasava.

Devia apressar-se, tinha de correr, mas as pernas recusavam-se a mexer. Não podia meter-se à estrada. Podia haver carros. Carros dourados.

Caiu de joelhos, com as mãos a tremer, e começou a chorar, pensando no palerma que era, sem conseguir parar.

– Mamã – sussurrou –, eu não queria ver nada.

2

Anders Schyman, chefe de redação, desdobrou sobre a mesa de conferências diante de si o gráfico com os valores das tiragens. Sentia as mãos trémulas e ligeiramente suadas. Ciente já daquilo que as colunas mostravam, as conclusões e a análise fizeram-no corar.

Na realidade, a coisa estava a resultar. Estava a correr bem.

Respirou fundo, apoiou as palmas das mãos na mesa, inclinou-se para a frente e deixou que a informação assentasse. O novo rumo adotado pela equipa estava a marcar claramente a diferença, tanto nos valores das tiragens como nas finanças. Ali estava a prova, preto no branco. Estava a resultar; a amargura que se seguiu à última ronda de cortes começava a dissipar-se. A reestruturação estava concluída; as pessoas estavam motivadas, a trabalhar para um objetivo comum, apesar dos cortes.

Contornou a reluzente mesa castanha-clara, percutindo a madeira com os dedos. Era uma bela peça de mobiliário. E ele merecia-a. O tratamento tirânico que dispensara ao pessoal revelara-se o mais acertado.

Pergunto-me se mais alguém teria conseguido fazer isto, pensou, mesmo sabendo que não havia mais ninguém. Conseguira finalmente dar provas de si.

O negócio que fechara com as gráficas reduzira os custos de impressão em oito por cento. O que equivalia a poupar aos proprietários milhões todos os anos. E a recessão significava que o custo do papel tinha descido, facto pelo qual ele não podia de todo reclamar os louros, embora tudo isso contribuísse para o desenvolvimento do negócio com sucesso. O recrutamento de um novo diretor de vendas ajudara a atrair anunciantes, e nos últimos três trimestres tinham conseguido roubar quotas de mercado quer aos matutinos quer aos meios de comunicação audiovisuais.

E quem é que despedira o velho jarreta que teimava em vender espaços publicitários como se estivesse a trabalhar num jornaleco de província?

Schyman sorriu para si mesmo.

Porém, o mais importante talvez fosse o ritmo contínuo das vendas na primeira página e nos destacáveis. Sem querer pôr o carro à frente dos bois, e fazendo figas, iriam aparentemente apanhar a concorrência no decurso do próximo ano fiscal, ou talvez no seguinte.

O chefe de redação espreguiçou-se, massajando a zona lombar. Pela primeira vez desde que chegara ao *Correio da Tarde* invadia-o uma sensação de verdadeira satisfação. Era assim que imaginara que o seu novo emprego seria.

Pena que tivesse demorado dez anos a alcançar.

– Posso entrar? – perguntou Annika Bengtzon através do intercomunicador.

Ele sentiu um certo desânimo, a magia a dissipar-se. Inspirou e expirou umas quantas vezes antes de se aproximar da secretária para carregar no botão de resposta.

– Claro que sim.

Olhou pela janela para a embaixada russa enquanto esperava pelos passos nervosos da repórter do outro lado da porta. O sucesso crescente do jornal implicou que, finalmente, a sala de redação começara a demonstrar-lhe um pouco de respeito. Sendo o facto mais notável de todos a menor quantidade de trânsito que atravessava a sua porta. Tal devia-se em parte à reorganização da sala de redação: quatro editores com plenos poderes trabalhavam agora por

turnos, dirigindo os vários departamentos, e a medida estava a resultar tal como ele planeava. Transferira responsabilidades e, em vez de ter de discutir constantemente com toda a equipa, impunha a sua autoridade através dos seus representantes. Em vez de o enfraquecer, a delegação de poderes tornara-o mais poderoso.

Annika Bengtzon, a antiga diretora da equipa do crime, fora convidada a tornar-se um desses quatro. Ela declinara, e zangaram-se. Schyman já lhe tinha revelado os seus planos, vendo-a como um dos três possíveis herdeiros do seu posto, e pretendia incluí-la num programa mais amplo de desenvolvimento. Tornar-se um dos editores seria o primeiro passo, mas ela recusara a oferta.

– Mal te posso castigar – dissera ele, sentindo exatamente o que seria ouvir aquelas palavras.

– Claro que podes – retorquira ela, com os seus olhos ilegíveis a esvoaçar diante dos dele. – Vamos lá a isso.

Bengtzon era das poucas pessoas que ainda acreditavam que podiam ter acesso ilimitado a ele e ao seu gabinete, e irritava-o não ter feito nada para o evitar. Em parte, o tratamento especial que ela recebia advinha da grande tempestade mediática do último Natal, quando um assassino em série tresloucado a mantivera refém no interior de um túnel. Episódio esse que ajudara definitivamente a interromper a espiral descendente do jornal, como os estudos de mercado bem provavam. Os leitores readquiriram o gosto pelo *Correio da Tarde* depois de terem lido o que acontecera na noite que aquela mãe de dois filhos passara com o Bombista. Portanto, havia bons motivos para tratar Bengtzon nas palminhas por um tempo. A forma como ela lidou com a situação e a atenção que se seguiu à sua libertação tinham impressionado inclusivamente o conselho de administração, sobretudo o facto de Bengtzon ter insistido para que a conferência de imprensa tivesse lugar na redação do *Correio*. O presidente do conselho de administração, Herman Wennergren, fizera praticamente o pino ao ver o logótipo do jornal ao vivo na CNN. As lembranças que Schyman tinha dessa conferência de imprensa eram mais contraditórias, em parte porque permanecera diretamente atrás de Annika sob os holofotes durante a emissão, e em parte por causa das incontáveis repetições que foram exibidas em todos os canais. Fora

apanhado a olhar para o cabelo despenteado dela, a reparar na tensão que lhe dominava os ombros. No ecrã, Bengtzon aparecera lívida e atordoada, tendo respondido às perguntas com clareza, embora secamente, num inglês razoável, de nível escolar.

– Não houve nenhuma explosão emocional embaraçosa, graças a Deus – dissera mais tarde Wennergren pelo telemóvel a um dos proprietários, no gabinete de Schyman.

Schyman lembrava-se bem do medo que sentira na boca do túnel quando o disparo soou. *Uma repórter morta é que não*, pensara ele, *tudo menos uma repórter morta, por favor*.

Parou de olhar para o contentor da embaixada e sentou-se na sua cadeira.

– Um dia tudo acabará por ruir à tua volta – disse Annika Bengtzon ao fechar a porta.

Ele não se deu ao trabalho de sorrir.

– Posso dar-me ao luxo de mudar para outro jornal. Este está em alta – disse ele.

A repórter olhou de relance, quase furtivamente, para os gráficos dispostos sobre a mesa. Schyman recostou-se, examinando-a enquanto ela se sentava cuidadosamente numa das pesadas cadeiras.

– Gostava de fazer um novo ciclo de artigos – disse ela, olhando para os apontamentos. – Para a semana é o aniversário do ataque à base F21 em Luleå, pelo que faria sentido começar por aí. Julgo que está na altura de fazer um resumo a sério daquilo que aconteceu, de todos os factos conhecidos. Não há muitos, para dizer a verdade, mas posso pôr-me a investigar. Foi há mais de trinta anos, mas haverá gente dessa época ainda na Força Aérea. Talvez esteja na altura de alguém abrir a boca. Não se consegue ter respostas sem fazer perguntas...

Schyman assentiu, entrelaçando as mãos sobre a barriga. Depois de o alvoroço ter acalmado no último Natal, ela passara três meses em casa. Uma sabática, como concordaram chamar-lhe. Quando regressou ao trabalho no início de abril, insistira em continuar como grande-repórter. Desde então, optara por se centrar no terrorismo, na sua história e consequências. Nada de especial, nenhuma revelação: reportagens de rotina sobre o epicentro do 11 de setembro;

umas quantas peças de rescaldo acerca da explosão naquele centro comercial na Finlândia; entrevistas com sobreviventes dos rebentamentos em Bali.

A verdade é que ultimamente ela não tinha feito muita coisa. E agora queria investigar mais aprofundadamente atos passados de terrorismo. Mas qual a relevância de tudo isso, e que sentido faria neste momento embarcar nessa batalha?

– Certo – disse ele devagar –, talvez fosse bem pensado. Tirar o pó aos nossos velhos traumas nacionais, o sequestro de Bulltofta, o cerco à embaixada da Alemanha Ocidental, a crise com reféns em Norrmalmstorg...

– E o homicídio de Palme, já sei. Entre tudo isso, o ataque à base F21 é o episódio menos abordado.

Bengtzon deixou cair os apontamentos no colo e debruçou-se.

– O Ministério da Defesa impôs a lei da rolha a este caso, aplicando-lhe um arsenal de legislação relacionada com confidencialidade. Nesse tempo não havia, nos quadros da Defesa, relações públicas com formação específica para os meios de comunicação, de maneira que o coitado do responsável pela base teve de ficar ali pessoalmente aos berros com os jornalistas para que respeitassem a segurança da nação.

Deixa-a alongar-se um pouco mais, pensou ele.

– Mas afinal o que é que se sabe? – perguntou. – Verdadeiramente.

Bengtzon olhou diligentemente para os seus apontamentos, embora ele tivesse ficado com a nítida sensação de que ela conhecia os factos de cor.

– Na noite de dezassete de novembro de mil novecentos e noventa e nove, um caça *Draken* explodiu em plena base F21 em Kallax, perto de Luleå – apressou-se ela a dizer. – Um homem sofreu queimaduras com tal gravidade que morreu dos ferimentos.

– Um recruta, não foi?

– Isso só viria a saber-se depois, mas sim. Foi transferido de ambulância aérea para o Hospital Universitário de Upsala, e pairou entre a vida e a morte durante uma semana antes de morrer. A família foi amordaçada. Armaram um chavascal enorme anos mais tarde

por não terem recebido nenhuma indemnização da parte da Força Aérea.

– E ninguém chegou a ser preso?

– A Polícia interrogou perto de mil pessoas, os serviços secretos talvez mais ainda. Todos os grupos de esquerda de Norrbotten foram implicados, mesmo os seus membros mais insignificantes, mas não se descobriu nada. No entanto, a coisa não foi assim tão simples. A verdadeira esquerda tinha conseguido fechar-se em copas. Ninguém conhecia todos os nomes, e toda a gente usava nomes de código.

Anders Schyman sorriu nostalgicamente. Ele próprio dera pelo nome de «Per» durante um breve período.

– Mas não dá para manter esse tipo de coisas em segredo.

– Não por completo, claro que não. No fim de contas, todos eles tinham amigos chegados nos grupos, mas tanto quanto sei ainda há pessoas em Luleå que apenas se reconhecem pelos nomes de código que usavam nos grupos de extrema-esquerda do final dos anos sessenta.

Ela ainda nem devia ser nascida por essa altura, pensou ele.

– Então, quem foi o responsável?

– O quê?

– Quem é que rebentou com o avião?

– Os russos, provavelmente. Foi essa a conclusão a que chegaram as Forças Armadas, pelo menos. A situação nessa época era completamente diferente, claro. Estamos a falar do auge da corrida ao armamento, do gelo profundo da Guerra Fria.

Ele fechou os olhos por instantes, invocando imagens e o espírito dessa época.

– Houve um amplo debate sobre o nível de segurança nas bases militares – lembrou-se ele de repente.

– Exato. De repente a opinião pública, ou a imprensa, exigia que todas as bases suecas fossem mais bem guardadas, o que era completamente irrealista, como é óbvio. Seria necessário todo o orçamento do Exército para concretizar isso. Mas a segurança conheceu de facto um aperto durante uns tempos, e acabou por se estabelecer perímetros de segurança no interior das bases. Grandes vedações

sujas com câmaras de vídeo e alarmes e aquilo que há à volta de todos os hangares e por aí fora.

– E queres meter-te nisso? Com qual dos editores é que falaste?

Ela olhou de relance para o relógio.

– Com o Jansson. Olha, tenho um bilhete de avião em aberto para esta tarde. Quero encontrar-me com um jornalista do *Jornal de Norrland*, um tipo que descobriu informações novas. Ele vai partir para o Sudeste asiático na sexta-feira e fica por lá até ao Natal, pelo que estou com uma certa pressa. Só preciso que me dê luz verde.

Anders Schyman sentiu de novo a irritação a aumentar, talvez por ela estar a argumentar tão ofegantemente.

– O Jansson não podia tratar disso?

As faces dela começaram a corar.

– Em princípio – disse Annika Bengtzon, cruzando os olhos com os dele. – Mas sabes como tem sido. Ele só quer saber que tu não estás contra.

Ele assentiu.

Bengtzon fechou com cuidado a porta ao sair. Ele fitou o vazio que deixara, compreendendo exatamente aquilo que ela quisera dizer. *Ela trabalha sem limites, pensou. Sempre tive noção disso. Não tem o mínimo instinto de sobrevivência. Mete-se em todo o tipo de situações, coisas que as pessoas normais jamais sonhariam fazer, e isto porque lhe falta qualquer coisa. Algo que se perdeu há muito tempo, que foi arrancado, com raízes e tudo, a cicatriz a disfarçar com o passar dos anos, deixando-a à mercê do mundo, e de si mesma. A única coisa que lhe resta é o seu sentido de justiça, a verdade como um farol num mundo repleto de trevas. Não sabe fazer mais nada.*

Isto pode vir a dar brutalmente para o torto.

A euforia do corpo editorial perante os números de vendas nas férias do Natal viu-se abruptamente suspensa quando se soube que Bengtzon tinha conseguido uma entrevista exclusiva com o assassino enquanto se encontrava sob cativo. Fora redigida no computador do delegado olímpico assassinado. Schyman lera-a, estava sensacional. O problema era que, como uma verdadeira chata, Annika se recusara a deixar que o jornal a publicasse.